

INFLUÊNCIA DA TURQUIA, IRÃ E RÚSSIA NO SUL DO CÁUCASO: O Caso do Azerbaijão

THE INFLUENCE OF TURKEY, IRAN AND RUSSIA IN THE SOUTH CAUCASUS: The Case of Azerbaijan

Paulo Antônio Pereira Pinto¹

RESUMO

Turquia, Irã e Rússia buscam influenciar a inserção internacional do Sul do Cáucaso. O artigo faz breve recapitulação do passado compartilhado por aqueles atores regionais com o Azerbaijão, o mais próspero país situado na parte meridional da cordilheira. Procura, também, avaliar cenários alternativos futuros caso prevalecesse cada uma das três potências vizinhas. Conclui com a afirmação de que a evolução mais favorável dependeria do resgate das identidades culturais e da recuperação de mecanismos institucionais que conviveram pacificamente, há séculos, naquela parte do mundo.

PALAVRAS-CHAVE

Turquia; Irã ; Rússia.

ABSTRACT

Turkey, Iran and Russia compete to influence the international insertion of the Southern Caucasus. This article makes a brief recapitulation of the shared past History between those regional powers and Azerbaijan, the most prosperous country in the Southern part of the Caucasus. Also evaluated in the article are possible alternative future scenarios, in case the influence of Turkey, Iran or Russia should prevail. In conclusion, the article highlights that the most favorable development in that region would rely on the revival of the cultural identities and institutional mechanisms that have peacefully converged together with each other, for centuries, in that part of the world.

¹ Diplomata. Chefe do Escritório de Representação do MRE no Rio Grande do Sul (ERESUL). Foi o primeiro Embaixador do Brasil residente em Baku, Azerbaijão, entre 2009 e 2012. Serviu, anteriormente, como Cônsul-Geral em Mumbai, entre 2006 e 2009 e, a partir de 1982, durante vinte anos, na Ásia Oriental, sucessivamente, em Pequim, Kuala Lumpur, Cingapura, Manila e Taipé. Na década de 1970 trabalhou na África, nas Embaixadas em Libreville, Gabão, e Maputo, Moçambique e foi Encarregado de Negócios em Pretória, África do Sul. As opiniões expressas são de sua inteira responsabilidade e não refletem pontos de vista do Ministério das Relações Exteriores. (papinto2006@gmail.com)

KEY-WORDS

Turkey; Iran; Russia.

Introdução – a esquina do mundo

Localizada na convergência de diferentes civilizações, a região caucasiana foi invadida e disputada por grandes impérios e personagens famosos, como Alexandre, o Grande, o General Romano Pompeu, o conquistador mongol Genghis Khan, e o Tsar Pedro o Grande. Um dos países mais prósperos da vizinhança do Cáucaso, o Azerbaijão, é palco de história rica e antiga e tem sido cenário de batalhas há mais de um milênio. Há evidência de ocupação humana em seu território desde a Idade da Pedra. Hoje, verifica-se intensa disputa entre Turquia, Irã e Rússia por influência sobre esse Estado, emancipado da ex-União Soviética, em 1991.

Cartograficamente, o Azerbaijão estende-se do Noroeste do Irã ao Mar Cáspio, a Leste. Faz fronteira, a Oeste, com a Armênia e Turquia. Ao Norte, situam-se a Geórgia e a Rússia. A nação azeri encontra-se, hoje, dividida em duas partes. A que ocupa o território do país, estimada em cerca de oito milhões de pessoas. E ao Sul, a que habita na parte meridional iraniana, calculada ao redor de 20 milhões. Esta divisão ocorreu conforme previsto pelo Tratado Gulistan, em 1828, que incorporou o território hoje ocupado pelo Azerbaijão ao Império Russo, deixando a maioria da população do idioma azeri no Império Persa.

Há versões distintas sobre a origem étnica desta população, cuja língua é conhecida como azeri e, hoje, segue, majoritariamente o Islã Shiita. A região ao Sul da Cordilheira do Cáucaso, onde se situa o Azerbaijão, era melhor conhecida, na Antiguidade Greco-Romana e no auge da Rota das Sedas, do que no mundo atual. Segundo a mitologia grega, foi no alto daquelas montanhas que Zeus mandou acorrentar Prometeu, para que seu fígado fosse comido por abutres, como punição por ter entregue o fogo prometido aos humanos.

Até hoje, há uma chama eterna que brota do chão, perto de Baku, que, para fins de atração turística é apresentada como aquela fogueira inicial. Ao escurecer, adquire um tom azulado. O fenômeno é hoje entendido pela óbvia presença de gás subterrâneo. Imagine-se, no entanto, a popularidade daquele fogaréu todo, inexplicado através dos séculos, favorecendo o surgimento de crenças e credos como os seguidores de Zaratustra, que adoram o fogo. Os seguidores do Zoroastrismo, hoje, vivem principalmente na área de Mumbai, Índia.

No auge da Rota das Sedas, que ligava a Europa à Ásia e foi popularizada por Marco Polo, a área hoje ocupada pelo Azerbaijão era bem conhecida - segundo consta - nos dois continentes. A parte antiga de Baku, ainda hoje, preserva muralhas do Século XIV que protegiam os comerciantes que transitavam, naquela

época, com suas caravanas de camelos. Hoje, o Azerbaijão, quando reconhecido, é identificado por situar-se na “esquina do mundo”.

Especialistas e simpatizantes lá situam fronteiras entre a Europa e a Ásia, entre o Ocidente e o Oriente, entre o Mundo Cristão e o Muçulmano, entre áreas de influências atuais da Rússia, Irã e Turquia e - na condição de ex-integrante da URSS - uma típica fase de transição pós-soviética, entre um sistema centralmente planejado e um de economia de mercado. Coloca-se, portanto, o desafio da adoção de perspectiva estratégica para o mapeamento de tendências e estruturas regionais em construção e identificação de novos atores regionais. O artigo, portanto, procurará delinear cenários futuros prováveis para a inserção internacional do Azerbaijão. Busca-se, então, saber se “haverá seda” – isto é, um cenário futuro favorável - na rota de inserção internacional desse pequeno país, marcado por vizinhança incerta, e passado de turbulências cíclicas.

II - A Inserção Internacional

A maioria das avaliações disponíveis sobre o papel do Azerbaijão no cenário mundial, o reduzem, cartograficamente, ao grupo de três pequenos estados recentemente emancipados na região do Cáucaso, junto com a Geórgia e a Armênia. A seguir, são feitas observações sobre o término da Guerra Fria, o esfacelamento da União Soviética e a emergência de nações, sempre antagônicas, ao Sul daquela cadeia de montanhas, cujas diferentes culturas foram sufocadas, durante os 70 anos de jugo comunista.

O interesse pela inserção internacional do país pode ser maior, contudo, quando se verifica a crescente importância estratégica das margens do Mar Cáspio. Compartilham da mesma situação geopolítica a Rússia, o Irã, o Cazaquistão e o Turcomenistão. O país merece, portanto, atenção diferenciada do exterior, pelas conhecidas e recentemente revalorizadas riquezas energéticas que compartilha, nessa área ribeirinha.

O Cáspio é o maior mar interior do mundo e situa-se na confluência de conflitos étnicos, religiosos, nacionais e extrarregionais históricos. Durante o Século XIX, travou-se disputa, nesta parte da Ásia Central, por conquistas territoriais e acesso a mercados e recursos naturais, entre o Império Russo e a Grã Bretanha, também conhecida como “The Great Game”.

Cabe lembrar, a propósito, que no território hoje ocupado pelo Azerbaijão, há cerca de 3.500 anos, floresceu o Zoroastrismo, divulgado pelo Profeta Zaratustra, que pregava o monoteísmo, advogava a igualdade das mulheres, confiava apenas no diálogo direto com Deus – sem a intermediação de sacerdotes – condenava o sacrifício de animais e a noção de milagres. Denunciava o flagelo de guerras religiosas, que causassem destruição em nome de uma fé ou de outra.

Zaratustra recomendava o entendimento dos elementos terrestres e a existência de um Deus. E três regras para viver bem: bons pensamentos, boas palavras, bons feitos. Também defendia a crença na natureza purificadora do fogo, que é pensamento fundamental de sua fé e simboliza o Todo Poderoso. A palavra persa para fogo é “azer”. Assim, desde a antiguidade, a abundância de gás, que provocava explosões em suas montanhas, levou o Azerbaijão a ser conhecido como o centro do Zoroastrismo.

Cabe assinalar, a propósito da disposição histórica daquela parte do mundo à convivência pacífica, que não seria correto, portanto, afirmar que estaria ela condenada a turbulência permanente, por sua multiculturalidade, multirreligiosidade, multiétnica e multiquase-tudo. Até o início do Grande Jogo, disputado pelos imperialismos extrarregionais russo e britânico, no século XIX, havia dinâmica regional própria capaz de recuperar, de forma cíclica, a estabilidade política, enquanto era palco de história rica e antiga, marcada por cenário de batalhas há mais de um milênio.

Verifica-se, então, que o término da Guerra-Fria acenava com o fim da bipolaridade mundial, enquanto a globalização surgiria como remédio para todos os males da divisão do mundo em partes conflitantes. Em suma, análises geopolíticas perderiam seu valor, na medida em que o planeta tenderia a ser menos dividido cartograficamente e mais interligado por valores em comum.

O ressurgimento de novas geometrias de poder ocorreu, contudo, sem muita demora com o retorno de criaturas regionais, como as centradas nos chamados “hinterlands”, enquanto largas fatias de nações, adormecidas durante a bipolaridade mundial, soltaram-se, tornaram-se países independentes, pediram passagem e encontram-se à deriva e na espera de configurações inovadoras que voltem a ordená-las.

Assim, no caso do Azerbaijão, que tivera breve vida como país independente, entre 1918 e 1920, ao emergir da União Soviética, após 71 anos de imposição de um sistema planejado a partir de Moscou, não se tratou de inserir-se, na fase conhecida como “pós-soviética”, em cenário internacional pronto a acolhê-lo, com tolerância, diante da carga de mazelas herdadas daquelas sete décadas de dominação socialista.

Pelo contrário, o continente europeu passou a viver, desde então, com novas ameaças convencionais e não-convencionais. Nesse sentido, segundo se observa em Baku, vigora a convicção de que o bloco euro-atlântico – em substituição ao “Ocidente” – constitui o fulcro – o “hinterland” – em cujo redor se concentra perigos e tensões, provocadas por atores políticos que, à sua volta, insistem em manter acesos os seus próprios projetos de afirmação nacional.

Em suma, entre desafios não-convencionais, estariam o terrorismo, o ex-

cesso de imigrantes e a proliferação de armas de destruição em massa. No elenco dos desafios mais “clássicos”, situam-se os que afetam a segurança dos Estados, nos termos explicitados, desde a Paz de Westphalia². Na prática, os euro-atlânticos parecem misturar estes medos todos, enquanto procuram manter à distância, áreas que – para eles, conforme descrito acima – não tenham atingido o mesmo patamar de governança. Entre os repudiados, encontram-se os países emancipados da URSS, ao Sul do Cáucaso.

Cabe lembrar, no que diz respeito ao Azerbaijão, causas dos descompasso ora apresentados por este país que deseja ser acolhido pela Europa Ocidental, como parceiro. Segundo a visão de Baku, tais razões podem ser encontradas no fato de que, quando os soviéticos invadiram o país – após seu curto período de vida independente, entre 1918 e 1920 – encontraram um “aparelho de estado” em transição. Conviviam, então, uma estrutura de poder “medieval”, caracterizada por alianças entre tribos e povos nômades, e uma sociedade em busca de nova forma de governança que comportasse as demandas de um capitalismo emergente, em virtude da indústria de exploração petrolífera.

Os conquistadores, vindos da URSS, interromperam este processo de ajuste social e, sobre esquemas patriarcais de governança, agregaram relações políticas socialistas. Assim, se impuseram sobre o país, até 1991. Com a emergência do Azerbaijão, naquele ano, seus novos dirigentes defrontaram-se, em sua “transição pós-comunista”, com o desafio de superar estas duas camadas de poder: os esquemas patriarcais de governança e as relações políticas socialistas.

A receita então vigente para países recém-emancipados da União Soviética, de acordo com os registros disponíveis aqui, seria o “choque capitalista”. Isto é, havia a certeza de que reformas, com base no estabelecimento de uma economia de mercado, criariam sua própria dinâmica de renovação política. No Azerbaijão, isso não aconteceu, pois a inércia herdada, resultante da mistura de formas patriarcais e socialistas de pensar, levou a completo e imediato caos político, logo após a independência, agravado pela guerra contra a Armênia, por disputa territorial.

Em suma, ao instalar-se no Governo, Haydar Aliyev, de acordo com a propaganda oficial, buscou “moldar o sistema político segundo as estruturas tradicionais”. Estas incluíam alto grau de poder para a “autoridade central”, que se cercaria de patriarcas “iluminados por valores democráticos, a serem instala-

2 A chamada Paz de Westphalia, em resumo, resultou da assinatura de conjunto de tratados que encerraram, em 1648, a Guerra dos Trinta Anos, na Europa. É considerada um marco, em matéria de relações internacionais, por reconhecer uma comunidade de Estados fundada no princípio da soberania territorial, na não intervenção em assuntos internos dos demais e na independência dos Estados, detentores de direitos jurídicos iguais, a serem respeitados por todos.

dos no momento oportuno”. Tratar-se-ia, portanto, de processo de outorga de direitos políticos e benefícios sociais, na medida em que os cofres do Governo fossem recebendo dividendos da exportação de recursos energéticos, a partir de 2006, com o início do funcionamento de dutos para a venda de petróleo e gás ao exterior.

Cabe recordar que, na década de 1960, quando se tornaram independentes a maioria das ex-colônias européias, na Ásia e África, havia um mundo bipolarizado com escolha de sistemas de governança mais simples e bem definidos: o socialista ou o capitalista. Era, então, possível a um país recém-independente escolher, como modelo, um ou outro. Como consequência, um poderoso aliado – fossem os EUA ou a URSS - e grupo significativo de simpatizantes era imediatamente adquirido.

Quando emergiram da União Soviética, no entanto, as novas repúblicas tiveram que inserir-se, a partir de 1991, em emaranhado de “geometrias político-econômicas variáveis”, que não lhes garantia aliados automáticos. Além disso, com a globalização já em vigor, receberam prontas cobranças sobre como adotar modernas legislações para formas de governança que respeitassem direitos humanos, meio ambiente, propriedades industriais e intelectuais e outras maneiras de comportamento internacional aceitável. Cabe reiterar, no entanto, que se trata de área situada no percurso da antiga Rota das Sedas. Apesar de conter, no nome, a ideia de intercâmbio comercial, as principais trocas foram de caráter cultural, sobrepondo diferentes religiões, hábitos e costumes.

Verifica-se, a propósito, que, entre os principais problemas atuais dos estados emancipados da URSS, estão os que dizem respeito à recuperação de suas identidades nacionais e reconstrução de mecanismos institucionais. Daí, após a análise de cada cenário alternativo provável, serão, em seguida, feitas considerações sobre o contexto cultural em que a hipótese em estudo se situa.

III - Cenários Alternativos Futuros

No Azerbaijão, ouve-se, com frequência, a pergunta sobre se seus nacionais - os azeris - são turcos-iranianos ou iranianos-turcos. A questão não é apenas acadêmica, pois, este país, como os que se emanciparam da União Soviética, a partir da década de 1990, enfrentam, entre outros, os problemas do estabelecimento de identidades nacionais viáveis e da reconstrução de suas instituições culturais e educacionais.

Verifica-se, então, a possibilidade de se consolidarem três cenários alternativos futuros. O primeiro é o perseguido atualmente, marcado pela opção azeri por uma parceria estratégica com os turcos. O segundo implicaria a opção iraniano-turca. O terceiro seria um “cenário russo” – com ou sem as implicações populares do termo.

As relações da Turquia com o Azerbaijão têm sido prioritárias para Baku, desde a independência em 1991. A partir da chegada ao poder da família Aliyev, quando Heydar Aliyev assumiu a Presidência, em 1993, o país tem considerado os de idioma turco, na Europa e Ásia, como irmãos por origem étnica e língua comum. O atual Presidente Ilham Aliyev manteve a mesma política de seu falecido pai e, no momento, há mais de 130 acordos firmados entre Ancara e Baku, garantindo forte moldura contratual à cooperação e amizade entre os dois Estados.

Por ocasião de visita a Ancara, em novembro de 2008, o Presidente Ilham Aliyev resumiu a importância das relações, assinalando que o funcionamento do oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan³ (BTC) contribui para a estabilidade e o incremento da cooperação regional, bem como aumenta as oportunidades de negócios. Salientou, também, que a ferrovia em construção, no percurso Baku-Tbilisi-Kars será fator adicional para criar, através da Turquia e Azerbaijão, conexões entre Europa e Ásia.

Tais demonstrações de amizade azeri não se devem, apenas, a afinidades étnicas e culturais ou facilidades mercantilistas. Tratou-se de opção estratégica de Baku, no processo de consolidação de sua independência, buscando cortar os vínculos excessivos com a antiga metrópole russa, enquanto não se precipitava – no estilo da Georgia – em alinhamento com a OTAN, temendo a conseqüente reação antagônica de Moscou. Em contrapartida, o Azerbaijão acenava à Turquia com um aumento de seu perfil de importância para a Europa Ocidental, na medida em que seu território serviria de trânsito para dutos, de transporte de petróleo - já em operação - e futuramente de gás⁴, contornando a Rússia.

Sabe-se, no entanto, que o Grande Jogo atual, em disputa por recursos energéticos desta área, dependerá muito mais dos interesses e pressões de potências extrarregionais, do que dos acordos entre Azerbaijão e Turquia. Para Baku, no entanto, o que está em risco é o perfil de sua inserção internacional independente, optando por vínculos econômicos com a Europa Ocidental. As relações com a Turquia até o momento, preferenciais, caso o deixem de ser, colocaria este país diante de duas outras opções, com vínculos bem mais complicados: com o Irã ou com a Rússia.

3 O oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan, com extensão de 1.750 km, foi aprovado em 2002 e concluído em 2005. Tem início na capital do Azerbaijão e transporta petróleo extraído no Mar Cáspio até o porto turco de Ceyhan.

4 Permanece em fase de planejamento o gasoduto Nabucco que, a exemplo do oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan (BTC), vide nota anterior, transportaria o recurso energético do Azerbaijão à Turquia, evitando o território russo.

IV - A Identidade Cultural Turca

Conforme já foi mencionado no início, o Azerbaijão vive momento de crescente inserção econômica internacional, em virtude da importância estratégica de seus recursos energéticos. Esse esforço, no entanto, não é descolado do exercício de resgate de sua identidade cultural. Daí, a reflexão sobre suas tradições, como narrativas orais, não despertam apenas curiosidade literária.

Isto porque, o Azerbaijão, como outros novos estados que se emanciparam da União Soviética, a partir da década de 1990, enfrentam, entre outros - como já foi lembrado - os problemas do estabelecimento de identidades nacionais viáveis e da reconstrução de suas instituições culturais e educacionais. Daí, ser importante encontrar algo que defina a identidade cultural azeri. Esse esforço leva, inevitavelmente, ao estudo do personagem Dede Korkut.

Trata-se da figura maior da história épica dos oguzes, que formaram um dos principais ramos dos povos túrquicos entre os séculos VIII e XI, e são considerados ancestrais dos turcos modernos. Estes incluem, entre outros: azeris, turcos da Turquia, turcomenos, turcos qashqais do Irã turcos do Khorassan e gagaúzes, que, em conjunto, representam mais de 100 milhões de pessoas.

As narrativas místicas fazem parte da herança cultural dos “Estados turcos”, que incluem, hoje, a Turquia, o Azerbaijão e o Turcomenistão, e, em menor grau, o Cazaquistão e o Kyrgystão. Para esses povos que se consideram turcos, especialmente os que se identificam como oguzes, o livro Dede Korkut é o principal registro de sua identidade étnica, história, costumes e de seus sistemas de valores, através da História.

Nos contos, lugares, batalhas, armas, intrigas, cavalos, palácios, fontes e jardins saltam à imaginação. O leitor, então, passa a sonhar como se estivesse assistindo a um filme. Trata-se, como já foi dito, de uma película épica, a definir a consciência coletiva de um povo. Segundo especialistas no assunto, Dede Korkut teria, para o mundo turco e, nesse contexto, para a nacionalidade azeri, o mesmo papel de definição de uma identidade unificadora, que, no Ocidente teriam tido epopeias como a *Ilíada* e a *Odisséia*.

Várias datas são sugeridas para o desenrolar das narrativas de Dede Korkut. A maioria dos estudiosos concordaria que o período mais provável seria o do século XV, na medida em que as tradições mencionadas registrariam conflitos entre os oguzes e seus rivais turcos na Ásia Central. Outros autores, no entanto, situam os acontecimentos como ocorridos ainda nos séculos VIII. A grande dificuldade para o estabelecimento mais preciso das datas deve-se ao fato de que os povos em questão eram nômades, sem deixarem registros por escrito, prevalecendo as narrativas orais.

Os contos épicos de Dede Korkut encontram-se entre os melhores, registrados oralmente, na língua turca. Para especialistas, não há dúvida de que os fatos ocorridos teriam acontecido no território, hoje ocupado pelo Azerbaijão. Na esquina da Rota das Sedas, conforme já foi dito, por ser Baku, então, centro comercial da maior importância, no intercâmbio de bens e convergência de culturas, entre a Europa e a Ásia Central.

Tratam de lutas pela liberdade em época durante a qual os oguzes eram um povo pastoril, em fase de transição para o conceito de uma etnia turca mais ampla. Ocorria, mais uma vez, de um ponto de inflexão – de outra fronteira, no tempo – enquanto o Islã começava a predominar na região, coincidindo com a adoção de um estilo de vida mais sedentário, possivelmente no século XIV. Hoje publicado em diferentes idiomas, o Dede Korkut registra, como já mencionado, narrativas orais, ora com escritos em prosa, ora em versos. Conclui-se, hoje, que a epopeia é composta por dezesseis histórias. As doze principais compreendem período posterior à adoção do Islã, pelos turcos. Os heróis, portanto, são retratados como “bons muçulmanos”, enquanto há referências aos infiéis, como vilões. Mas há referências também à mitologia, prevalecte no período anterior à introdução do Islã.

O personagem Dede Korkut é entendido como o “Vovô Korkut”, uma mistura de curandeiro, profeta e narrador de histórias. É desenhado como um respeitável idoso, de cabelos e barbas brancos. O décimo-segundo capítulo faz a compilação de dizeres atribuídos a ele. Representa, portanto, um líder mais velho – conselheiro ou sábio – resolvendo as dificuldades com as quais se confrontam os membros da tribo.

No Brasil, foi publicado um primeiro livro de autor azeri, “O Manuscrito Inacabado”, escrito pelo Prof. Kamal Abdullayev, tendo como pano de fundo tramas da referida epopeia. Segundo o Prof. Claude Allibert, a obra relata parte dessa tradição oral “neste momento em que, a nação azerbaijana reencontra sua identidade, resgata o passado épico e o articula com o presente de um povo que recupera suas raízes”

Sempre de acordo com o já citado Prof. Claude Allibert, a epopeia Dede Korkut é recitada desde o século IX “atualizada através de técnicas narrativas modernas: micronarrativas, pluralidade de narradores, mudanças de épocas repentinas, retomada de uma mesma passagem que se completa em seguida, adoção de diferentes pontos de vista em torno de uma mesma situação, o que deixa um importante trabalho de compreensão ao leitor, que deve construir sua própria interpretação. A astúcia, a crueldade, e a beleza de certa violência guerreira, nem sempre contida, podendo explodir de modo brutal nos confrontos e nos castigos

demoníacos, recobrem a atmosfera oriental arcaica que remete o leitor europeu à história mongol.”

Há historiadores que afirmam ter Dede Korkut vivido, no século XIV, ao Sul do Cáucaso, por 295 anos. Chego a acreditar, pois, visitei em 2009 a região de montanhas de Lerik, na parte meridional do Azerbaijão, onde existe uma povoação conhecida pela longevidade de seus habitantes, vários com mais de 100 anos de idade. Isto seria explicado por um micro clima que combinaria umidade, tipo de alimentação, um determinado chá, mel de abelhas raras, muitas caminhadas e qualidade de água.

V - O Cenário de Influência Iraniana

Sempre de acordo com a percepção azeri, recentemente, a Turquia teria cessado de corresponder, no mesmo patamar anterior, a expectativas do Azerbaijão. Isto porque, Ancara procuraria, agora, por um lado, supervalorizar sua importância como trânsito para o transporte de recursos energéticos, que Baku afirma depender de decisões locais, como fornecedor de petróleo e gás. Por outro, os azeris reclamam de concessões turcas aos armênios, sem a devida defesa de seus interesses na questão de Nagorno Karabakh.

Nessa perspectiva, pode ser questionado cenário admitido como provável, que manteria a opção azeri por sua inserção internacional como “turcos-iranianos”, através da gradativa aproximação da Europa Ocidental, com a intermediação da “amizade turca eterna”. Pergunta-se, então, quais seriam os cenários alternativos para que o Azerbaijão permaneça independente, diante de novas condicionantes externas que poderiam comprometer a proposta seguida, a partir de 1993, de “caminhar em direção à Europa, enquanto mantém o olhar para a Ásia”. É o dilema, já mencionado, entre ser turco-iraniano ou iraniano-turco.

Tal esforço de previsão deve ser precedido por breve recapitulação do momento de “transição pós-comunista”, ainda sendo vivenciado no Azerbaijão, devido à forte herança do passado socialista. Verifica-se, a propósito, que as origens históricas desse contexto podem ser encontradas no fato de que, quando os soviéticos invadiram o país – após o curto período de vida independente azeri, entre 1918 e 1920 – encontraram um “aparelho de estado” em transição.

Conviviam, então, uma estrutura de poder “medieval”, caracterizada por alianças entre tribos e povos nômades, e uma sociedade em busca de nova forma de governança que comportasse as demandas de um capitalismo emergente, em virtude da indústria de exploração petrolífera. Os conquistadores, vindos da URSS, interromperam esse processo de ajuste social e, sobre esquemas patriarcais de governança, agregaram relações políticas socialistas. Assim, se impuseram sobre o país até 1991. Com a emergência do Azerbaijão, naquele ano, seus novos dirigentes

defrontaram-se, em sua “transição pós-comunista”, com o desafio de superar estas duas camadas de poder: os esquemas patriarcais de governança e as relações políticas socialistas. Diante da falta de um modelo próprio de governança, reitera-se, deparavam-se com a escolha de recorrer a suas origens turcas ou iranianas.

No início do artigo, já foi mencionado que a nação azeri encontra-se, hoje, dividida em duas partes. Os cerca de oito milhões que ocupam o território do país independente, a partir de 1991. E os cerca de 20 milhões, ao Sul, que habitam na parte meridional iraniana. Essa divisão ocorreu em 1828, a partir de tratado entre os Imperadores persa e russo. Cabe reiterar que os que permaneceram no Norte passaram, então, a ser súditos do Tsar. O cenário alternativo, com ênfase no tal perfil “iraniano-turco”, não parece aqui excessivamente “bombástico”. Segundo literatura disponível, Teerã consideraria provável o retorno futuro de Baku a suas origens persas – “Azer”, como se sabe, significa “fogo”, na língua falada no Irã. Daí, Azerbaijão ser a “Terra do Fogo, devido às explosões de gás em suas montanhas, desde tempos remotos.

A cena de partida dessa evolução já teria acontecido – segundo tal ponto-de-vista iraniano – com a emancipação do Azerbaijão do abraço soviético, que “não corresponderia aos anseios da nação azeri”. A opção inicial pela vertente cultural “turco-iraniana” seria devido à condicionante de “choque entre polos de poder”, que ainda vigoram no continente europeu, entre Moscou e capitais ocidentais. Gradativamente, haveria evolução para um aconchego mais expressivo, com base em identidades nacionais azeris (dois terços dos quais, como já mencionado, vivem no Irã) e afinidades religiosas – shiitas.

Existe, também, dimensão econômica de forte peso, que permitiria a aqui chamada “ligação vertical”, facilitando meios para o transporte de energia entre a Rússia e o Irã, através do território do Azerbaijão. Conseguir-se-ia, assim, evitar que a Europa conseguisse recursos energéticos do Cáucaso, sem a intermediação russa ou fontes iranianas.

VI - A Geopolítica do Romance “Ali e Nino”

Já foi reiterado, neste texto, que se tornou lugar comum dizer que a região ao Sul do Cáucaso - onde se situam Armênia, Azerbaijão e Geórgia - é área de conflitos reais e potenciais, desde a extinção da URSS – a cuja União pertenciam – em 1991. Ademais, afirma-se, os povos desta parte do mundo nunca teriam sido capazes de viver em paz. A confluência de interesses étnicos, religiosos, nacionais e internacionais antagônicos contribuiria para tal instabilidade. Daí, caberia esperar, apenas, a continuidade de disputas intermináveis e insolúveis.

Novas teorias geopolíticas continuam, então, a ser formuladas ou ressuscitadas para justificar esse cenário de caos possível e permanente. Em contra-

partida, registros históricos e obras literárias, como o romance “Ali e Nino”, por exemplo, indicariam disposição regional no sentido contrário a tais interpretações. Editado pela primeira vez, em 1937, em Viena, sua autoria está envolta em mistério, especulação e controvérsia, subsistindo dúvidas quanto a ser obra de um só autor, Essad Bey sob o pseudônimo Kuban Said.

Enquanto história de amor, pode ser comparada às maiores de todos os tempos – Romeu e Julieta. Mas o livro não se reduz a uma história de amor e merece ser lido como um poema épico, escrito em prosa. À primeira impressão, a narrativa evocaria relação de conflito/acomodação entre Oriente e Ocidente, cristãos e muçulmanos, modernidade e tradição, o masculino e o feminino. O cenário é a capital do Azerbaijão, Baku, cidade multi-étnica em véspera da Primeira Guerra Mundial. Ali Khan Shivanshir é um jovem muçulmano xiita, de uma família azeri aristocrata, que se apaixona por Nino, uma adolescente natural da Geórgia, país vizinho, de formação cristã, que pratica valores europeus. O amor que dedicam um ao outro será dramaticamente ameaçado pelo espectro da guerra e pelo inevitável abismo cultural e religioso que os separa.

O grande amor entre Ali e Nino é o enredo principal do livro, cujo texto, no entanto, transcende o escopo de um romance. Lida em perspectiva mais ampla e sem recorrer a estereótipos, a história conduz o leitor a uma visita fascinante ao Cáucaso, com suas paixões, guerras e revoluções, honra e desgraça, montanhas, desertos e cidades como Baku. É importante, contudo, ler a obra fora do contexto das oposições entre Ocidente e Oriente. O amor entre os dois personagens é um tema universal, na medida em que cada um busca definir sua identidade em momento histórico de turbulência no cenário típico do Cáucaso. Apenas superficialmente, o livro é sobre a Europa e a Ásia, tampouco é sobre as diferenças entre o Islã e o Cristianismo.

Os leitores habituados a definições simples de classificações geográficas e culturais podem ficar desapontados. Não é fácil definir um lugar, como Baku, onde diferentes culturas têm procurado interagir há séculos. A união entre Ali e Nino não replica processo semelhante, entre a Europa e a Ásia, mas representa a fusão entre duas culturas distintas, que, ao mesmo tempo, se relacionam, no Cáucaso. O livro, ademais, descreve o nascimento de um novo Azerbaijão, durante mais um período turbulento de sua história, com a narração da luta entre vários impérios – russo, persa, turco e britânico - pelo Sul do Cáucaso.

Cabe ressaltar, a propósito, a tensão descrita no livro, entre os amigos do personagem Ali que, inicialmente, se dispuseram a lutar, na Primeira Guerra Mundial, em favor do Tsar russo, conforme haviam feito seus pais e avôs. Quando a Turquia entra no conflito, contra a Rússia, cria-se enorme perplexidade entre tais indivíduos, que se consideram parte dos “povos turcos”. A crise de lealdades

se agrava, quando a escolha tem que ser feita, entre combater ao lado de russos, contra os irmãos turcos e lutar em defesa do califa da Turquia, que era muçulmano sunni, enquanto os azeris são seguidores do Islã shiita.

O contexto político agravou-se, quando o exército turco, visto pelos azeris como “libertadores”, retira-se de Baku e aqui é substituído por tropas britânicas, como resultado de acordo assinado entre as capitais daqueles dois países. Verifica-se, assim, que o romance Ali e Nino é fonte rica em jogadas geopolíticas, durante o século passado. O livro é também um atestado de afirmação da nacionalidade azeri. Isto fica evidente no diálogo final, entre a Ali e seu pai, quando este decide partir do Azerbaijão, para o Irã, diante da ameaça de invasão russa, em defesa de cujo Império ele – o pai – havia lutado. Na ocasião, o personagem mais velho aconselha seu filho “jovem e corajoso, a ficar e lutar em defesa do novo Azerbaijão, que necessita de seu patriotismo”.

Ali permanece em Baku e morre lutando em defesa de seu novo país, diante de mais uma investida do poderoso vizinho russo ao Norte. O livro poderia, então, transmitir a conclusão geopolítica de que a história da região ensina que a convivência local entre diferentes culturas – da mesma forma que o amor entre o Ali muçulmano e a Nino cristã – não foi impossível por incompatibilidades locais insolúveis. A ameaça à estabilidade ao Sul do Cáucaso tem chegado, principalmente, do exterior. Profeticamente – talvez tivesse previsto Zaratustra – o perigo para o Azerbaijão veio, no romance em questão, e continua vindo, da fronteira russa, ao Norte.

VII - O Cenário “Russo”

Com o término do Império Russo, formou-se, em 1918, a República Democrática do Azerbaijão. Fortalecida a União Soviética, o território azeri foi reintegrado por Moscou, dois anos após. Com a extinção da URSS, emergiu a República do Azerbaijão, em 1991. Receia-se, em Baku – conhecida como a “cidade do vento”- que prevaleça dinâmica regional cíclica. Isto porque, com o recente ressurgimento do nacionalismo na Rússia, voltam a soprar aqui temores vindos da fronteira Norte deste país. Segundo entendimento local, é objetivo permanente russo a ocupação do Cáucaso. Enquanto, na vizinha Geórgia, isto poderia acontecer militarmente, no Azerbaijão, especula-se a respeito da determinação de Moscou de manter a hegemonia econômica sobre este país.

Na sequência do exercício de reflexão, sobre cenários futuros alternativos para a inserção internacional do Azerbaijão, respectivamente chamados de turco-iraniano e iraniano-turco, coloca-se, então, uma terceira hipótese: o retorno da dominação russa. As relações entre o Azerbaijão e a Rússia, no entanto, devem ser entendidas no contexto da história compartilhada no Cáucaso.

Nesse sentido, ressoam ainda, na região, dizeres atribuídos ao lendário General Alexei Yermolov, que desencadeou guerra brutal de conquista do Norte do Cáucaso, no início do século XIX: “Desejo que o terror de meu nome seja melhor guardião de nossas fronteiras do que uma cadeia de fortalezas, e que minha palavra seja para os nativos uma lei mais inevitável do que a morte”.

O referido militar russo é ainda odiado pelos “nativos”, em ambos os lados do Cáucaso, por sua brutalidade e ações genocidas. Durante a fase soviética, sua estátua, na Chechenya foi seguidamente destruída por descendentes de suas vítimas. Em outubro de 2008, segundo a edição de 29 de novembro daquele ano da revista “The Economist”, novo monumento gigantesco em honra de Yermolov foi recolocado em pedestal, na região russa de Stavropol, onde seria acordada fronteira étnica entre a Rússia e as cinco repúblicas muçulmanas ao Sul do país.

As ações bélicas de Moscou, contra a Georgia, em 2008, reacenderam preocupações caucasianas quanto a novas agressões da Rússia a esta região. Segundo o Sr. Alexander Rondeli, Presidente da “Georgian Foundation for Strategic and International Studies”, por exemplo, nova investida russa contra a Georgia, seria inevitável, tendo em vista perspectiva estratégica histórica de Moscou, que levaria a Rússia, sempre, a estender ao máximo a distância entre suas fronteiras e a capital do país. A ocupação do Cáucaso, nesse sentido, seria objetivo nacional permanente. Assim ocorrera durante quase dois séculos, antes do desaparecimento da URSS, com breve interrupção, entre 1918 e 1920.

No momento atual, tal preocupação russa teria sido agravada, como resultado da opção azeri por um cenário de parceria com a Turquia, para a instalação de dutos, transportando petróleo e gás do Azerbaijão para a Europa Ocidental, contornando o território da Rússia, através da Georgia, para profundo desagrado de Moscou. A reconquista do território georgiano livraria a Rússia deste incômodo, enquanto, também, tolheria qualquer ambição de Ancara de reviver o chamado “mundo turco”, que incluiria os povos desta origem, residentes no Azerbaijão e Ásia Central.

Para os analistas em Tbilissi, portanto, seria uma questão de curto prazo nova investida russa para a reincorporação da Georgia. Tal processo seria facilitado pela ausência de fronteiras demarcadas, no solo, entre os dois países – como ademais aconteceria, ainda, entre os outros ex-integrantes da União Soviética. Assim, as tropas russas iriam, simplesmente, avançando, conforme o teriam feito, em 2008, como se estivessem sempre em sua própria área, até que, segundo a interpretação georgiana, foi necessário atirar contra elas, para sustentar o avanço.

Eventuais exageros à parte, não resta dúvida de que, nessa fase pós-soviética, também não foi bom, no início, o relacionamento entre o Azerbaijão, recém emancipado da URSS, e a Rússia. Em momento de redefinição de sua inserção

internacional, no começo da década de 1990, os novos dirigentes em Moscou, não abandonaram, facilmente, o hábito de tratarem os ex-integrantes da União Soviética, como vassallos seus. Para os azeris, conforme mencionado acima, houve pronta opção por parceria estratégica com a Turquia. Buscou-se, assim, consolidar a independência, tentando cortar os vínculos excessivos com a antiga metrópole russa, enquanto não se precipitava – no estilo da Georgia – em alinhamento com a OTAN, temendo a conseqüente reação antagônica de Moscou.

Com certa habilidade, Baku conseguiu estabelecer prudente distância de dependência do Norte de suas fronteiras, até que, em 2006, foi obtida a autosuficiência energética e tiveram início suas exportações próprias de petróleo, via Georgia e Turquia, para a Europa Ocidental. Hoje, o Azerbaijão passou de importador a exportador de gás para a Rússia.

Para o observador local, portanto, haveria duas hipóteses de evolução das relações russo-azeri. A primeira seria um cenário róseo, que contemplaria a preservação da parceria estratégica ora estabelecida com a Turquia, de forma que dutos de petróleo e gás possam transportar tais recursos deste país à Europa Ocidental, evitando o território da Rússia. Paralelamente, nesse quadro auspicioso, seria consolidado, também, o “corredor Norte-Sul”, que permitiria o transporte das mesmas fontes de energia, do Irã e Golfo Pérsico, para a Rússia, que as encaminharia ao ocidente europeu.

Há, contudo, o cenário “russo” - é difícil evitar a nossa expressão popular do termo – que teria sido antecipado pelo conflito na vizinha Georgia, em 2008. Prevaleceria, nesse caso, a visão de Tbilisi, no sentido de que Moscou simplesmente não admitiria recuo de seu projeto nacional de ocupação do Cáucaso. Nesta hipótese, a Rússia buscaria antecipar-se ao ingresso do Azerbaijão na OTAN, e encerraria qualquer possibilidade de acesso de gás dessa área, à Europa, sem o trânsito por seu território.

Os que receiam evolução nesse sentido acreditam que Moscou teria meios para manipular as divergências entre Baku e Ierevan, de forma a provocar novo conflito armado azeri-armênio, que viria a possibilitar, sob o pretexto de pacificar “os nativos”, intervenção e ocupação russa.

VIII - A Necessidade de uma Comissão da Verdade?

Uma das obras mais significativas do final do período soviético é – segundo especialistas no assunto – o filme “Repentance”, dirigido por Tengiz Abuladze, nacional da Georgia, em 1986. Aborda a política de violência e disputas territoriais, resultantes de ambições pessoais que levaram populações da URSS à ruína. O enredo trata da morte de um Sr. Varlam, prefeito autoritário de município não identificado, naquele país ao Sul do Cáucaso. Após o enterro, a população lo-

cal descobre que o corpo continua ressurgindo, em diferentes lugares, como se tivesse “vida própria”. Descobre-se, finalmente, que uma mulher, cuja família havia sido vítima de crueldades do falecido dirigente, era a responsável, após cada renovado enterro, pelo reaparecimento do cadáver. Levada a julgamento, a cidadã é considerada insana. Mas, perante o tribunal, a acusada consegue fazer denúncias que desmoralizam o ex- Prefeito Varlam.

O filme transmitia a mensagem inconfundível de que, então, a União Soviética tinha que assumir o seu passado autoritário, para que “os fantasmas de seus tiranos” deixassem de assombrar o processo de reformas político-econômicas exigidas no país. Segundo avaliado nessa parte do mundo, a obra cinematográfica teria sido associada com os esforços liberalizantes de Mikhail Gorbachev. O cineasta Abuladze foi protegido por Eduard Shevardnadze, também natural da Georgia, então Ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS e futuro Presidente de seu próprio país.

A partir de 1985, iniciaram-se os sete anos de governo de Gorbachev, que culminaram com a desintegração da União Soviética. A Lituânia declarou-se independente, em março de 1990, e a Georgia a seguiu, em abril de 1991. Armênia e Azerbaijão e outras Repúblicas continuaram, no mesmo ano, o processo de emancipação. Logo, a URSS deixou de existir, de forma bastante pacífica, a propósito, quando comparado com o acontecido – segundo especialistas no assunto – com outros Impérios que, no mesmo século XX foram terminados, a exemplo do Austro-Húngaro, o Russo, o Otomano e, em certa medida, o próprio Britânico.

A exceção aconteceu no Cáucaso, onde ocorreram os conflitos armados associados com o término do poderio soviético. Estes incluíram as disputas por Nagorno-Karabakh, no Azerbaijão, pela Ossétia do Sul e Abcássia, na Georgia, e pela Chechenya, na Rússia. Registra-se, a propósito, que, com o término da Segunda Guerra Mundial, o Cáucaso tornara-se tema de numerosos autores estrangeiros, inclusive o novelista norte-americano John Steinbeck, que, no final da década de 1940, descreveu a Georgia como “um lugar mágico”. Da mesma forma que durante o Império Russo, a região permanecia, então, como um cenário de fantasias, um lugar de liberdade e liberação, que, para o tabalhador soviético, podia ser visitado, durante férias e feriados.

Para os residentes fora da URSS, os “spas” de água mineral – hoje, ainda em fase de recuperação no Azerbaijão e Georgia – eram locais de turismo. Casas de banho, jardins e sanatórios foram criados. Os visitantes recebiam promessas de curas imediatas para problemas digestivos e cardiovasculares, entre outros. Intensos esforços e investimentos governamentais reformulavam a imagem do Cáucaso, até o início do século passado associada à violências, da parte tanto de

“tribos primitivas”, quando do Império Russo, que tentava “civilizá-las”.

Tratava-se, então, de criar condições regionais que refletissem a forma como russos e outros cidadãos soviéticos concebiam seu próprio país. Grupos de danças da parte Norte da região, com suas vestimentas típicas, o vinho da Georgia, o brandy da Armênia e os tapetes do Azerbaijão, tornaram-se símbolos daquela parte do país, bem como da “maneira soviética de ser e sentir”. Daí, esse exotismo todo ser, naquele período, celebrado e satirizado, ao invés de temido. Filmes populares consolidavam a boa índole e naturalidade das pessoas do Sul da URSS, bem como as boas maneiras e ânsia de vida de suas populações.

Tais manifestações artísticas, no entanto, gradativamente passaram a ter conteúdo de protesto quanto à ausência de liberdades do período soviético, como aconteceu com o filme “Repentance”, citado acima. No decorrer da década de 1980, as três Repúblicas Soviéticas do Cáucaso do Sul – Armênia, Georgia e Azerbaijão – evoluíam em direção a reivindicações de livre manifestação de suas identidades nacionais. O conceito de nação, nessa parte do mundo, contudo, estava – e está – permeado pelo pensamento estalinista. Este leva em conta a língua, a cultura e os interesses em comum, mas repousa, principalmente, sobre o território de residência, que servia de base ao sistema vigente no período soviético.

O Partido Comunista, durante a existência da União Soviética, é sabido, dirigia todos os detalhes de sua organização político-sócio-econômica, tendo sempre como base o território. Tal convicção, não favorecia, contudo, o florescimento de ideologias em competição entre si, no âmbito de fronteiras definidas no período pós-independência, em 1991. Havia que prevalecer, segundo essa maneira de pensar, apenas o conjunto de idéias forças definidas pelas autoridades centrais. Este processo facilitaria o congelamento de lideranças que, “à maneira antiga de pensar”, não admitia contestação. Assim agia o Prefeito Varlam, do filme georgiano “Repentance”.

Conforme já mencionado, cabe reiterar que tais pendências não seriam inevitáveis, por ser essa região do mundo “condenada à instabilidade permanente”. Resultaram, sim, de estruturas básicas do Estado Soviético, que tinha o território como sustentação de tudo, o que veio a facilitar, em certa medida, que projetos de poder pessoais viessem a mobilizar populações que foram levadas a genocídios e enorme sofrimento.

Isto é, no final da década de 1990, e início dos anos 2000 – da mesma forma que o enredo do já citado filme “Repentance” -, citado acima reivindicações herdadas do período de hegemonia da URSS, sobre o Cáucaso, continuavam a ressurgir, sem que mitos daquelas sete décadas de escuridão tivessem sido enterados – como o corpo daquele falecido Prefeito Verlam. Enquanto isso, velhos hábitos ligados à doutrina stalinista de governança perduravam, mesmo diante

do colapso da estrutura do Estado Soviético. Ao mesmo tempo, partes do Cáucaso, vinculadas a essas práticas antigas, que nada têm a ver com estruturas de confrontação herdadas da Guerra Fria, mantinham mitos consagrados nos lugares de sempre, enquanto apenas os corpos dos déspotas eram enterrados.

No Cáucaso, a história real do final do século XX e do início do atual não é a respeito de animosidades étnicas irreconciliáveis ou antigas disputas, mas sobre como ambições pessoais têm prevalecido sobre o interesse de coletividades. Isto tem sido possível, em virtude do legado do pensamento estalinista de vincular nações a territórios, bem como à disponibilidade de armamento soviético, deixado para trás, quando do recuo de seus exércitos, alimentando, assim, a capacidade de destruição mútua das partes que retomaram seus conflitos históricos.

Como no enredo da película “Repentance”, parece que, apenas quando houver o compromisso de desenterrar o passado e os responsáveis pelos erros cometidos tenham seus erros devidamente avaliados, poderia haver mudanças significativas nas formas de governança – ou desgovernança do Cáucaso, Sul e Norte.

IX - Conclusão

Na introdução deste artigo antecipou-se a questão sobre a possibilidade de que exista um cenário futuro favorável para a inserção internacional do Azerbaijão, que o recoloca na posição privilegiada desfrutada, por exemplo, na época da Rota das Sedas, quando a Europa dependia de seu território para o comércio com a Ásia. Logo após a emancipação da União Soviética, conforme foi mencionado, o país teve, como preocupação inicial, a consolidação de sua própria sobrevivência, como estado soberano.

Em seguida, defrontou-se com a possibilidade de optar por três cenários alternativos futuros. O primeiro, que vem sendo perseguido atualmente, é marcado pela opção azeri por uma parceria estratégica com os turcos. O segundo implicaria a opção iraniana. O terceiro seria um retorno à esfera de influência russa.

Os temas maiores para a inserção internacional do Azerbaijão, no momento, transcendem a sua localização geográfica ao Sul do Cáucaso e ocorrem em patamares superiores. Dizem respeito à importância estratégica de seus recursos energéticos. No século XIX, as nações dessa região eram vítimas ou protagonistas de disputas por territórios e mercados, que se convencionou chamar “The Great Game”.

Com o término da Guerra Fria, a vizinhança do Cáspio ressurgiu como espaço a ser cobiçado em novo “Grande Jogo”, em virtude agora, principalmente, de suas reservas de petróleo e gás, por Estados Unidos, Europa Ocidental e Rússia, além de potências menores. Hoje, no entanto, o Azerbaijão e seus vizinhos são

influenciados por forças mais abrangentes de um mercado globalizado não apenas de energia, mas também de ideias, instituições e tendências sócioeconômicas.

Cabe reiterar, a propósito, que se trata de área situada no percurso da antiga Rota das Sedas. Apesar de conter, no nome, a ideia de intercâmbio comercial, as principais trocas foram de caráter cultural, sobrepondo diferentes religiões, hábitos e costumes. Verifica-se que, entre os principais problemas atuais dos estados emancipados da URSS, estão os que dizem respeito à recuperação de suas identidades nacionais e reconstrução de mecanismos institucionais. Daí, após a análise de cada cenário alternativo provável, foram feitas considerações sobre o contexto cultural em que cada hipótese se situa.

Conclui-se com a afirmação de que haverá “seda” em cenário futuro que seja favorável ao Azerbaijão – e demais países do Cáucaso – na medida em que lhes seja permitido, por potências regionais e situadas fora dessa área, manter sua identidade cultural própria e soberania sobre seus recursos naturais. “Enchalá”⁵, como se diz em Baku.

5 Expressão árabe para manifestar o desejo de que algo aconteça: “Se Deus quiser”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDULLAYEV, Kamal. **O Manuscrito Inacabado**. João Pessoa: Ideia, 2009.

ABDULLAYEV, Kamal. **Le Manuscrit Inachevé**. Paris: L'Harmattan, 2005.

ENCICLOPÉDIA WIKIPEDIA. Anotações sobre Dede Korkut. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Book_of_Dede_Korkut>. Acesso em: 30/08/2012.

HOPKIRK, Peter. **The Great Game: the Struggle for Empire in Central Asia**. New York: Kodansha International, 1994.

KING, Charles. **The Ghost of Freedom: a History of the Caucasus**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

SAID, Kuban. **Ali e Nino**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

STEINBECK, John. **A Russian Journal**. New York: Viking, 1948.

Recebido em Outubro de 2012
Aprovado em Novembro de 2012